



Rui de Serpa Pinto
(1907-1933)

VÁRIA

Rui de Serpa Pinto

Um luto cruel atingiu a nossa Sociedade. Em 23 de Março de 1933 faleceu no Pôrto, victimado por uma cepticemia tifóide, o nosso consócio, bibliotecário e vogal do Conselho Director desta colectividade, dr. Rui de Serpa Pinto, seguramente um dos mais privilegiados e prometedores talentos de cientista da actual geração.

Contava apenas 25 anos, pois nascera em 6 de Agosto de 1907. e, no entanto, adquirira já nos meios científicos do país e do estrangeiro uma sólida e cabida reputação. A ciência ficou privada dum dos seus mais esperançosos e dedicados cultores. A nossa Sociedade perdeu um dos seus elementos mais distintos e mais prestantes. Tendo-se associado às manifestações fúnebres realizadas, a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia consagrará entretanto uma sessão especial a uma justa homenagem ao inditoso confrade e amigo.

Damos, porém, desde já algumas notas bio-bibliográficas do malgrado homem de ciência e breves informes sôbre o seu funeral e sôbre vários testemunhos de pesar que o tristíssimo desenlace ocasionou.

Rui de Serpa Pinto era natural do Pôrto e aqui fêz os seus cursos, obtendo sempre distintas classificações. Licenciado em Matemática pela Faculdade de Ciências em 1927, completava em 1930 na Faculdade de Engenharia o seu curso de engenharia civil. Neste mesmo ano é nomeado, após concurso documental, assistente do grupo de Ciências Geológicas da primeira daquelas Faculdades, onde aliás vinha já sendo, havia anos, colaborador activo do Instituto de Antropologia.

Em 1925, ainda estudante, realizara a sua primeira descoberta científica, de grande relêvo: a da cultura asturiense em Portugal. Sôbre as estações asturienses que encontrou no litoral minhoto, escreveu um importante estudo que saiu nas páginas desta revista em 1928. Mas não fica por aí a sua actividade investigadora: visita e estuda museus, castros, dolmens, abrigos, estações de

arte rupestre, jazidas paleontológicas, etc., num afanoso e fecundo labor que suscita justificadamente a admiração dos que o seguem de perto. Nas bibliotecas, nos arquivos, no laboratório, no terreno, não descansa, antes pesquisa, indaga sempre e, não satisfeito com esse esforço nobilíssimo, estimula os seus alunos e companheiros, com o seu exemplo e com os seus informes preciosos. A prehistória, a petrografia, a geologia, a paleontologia, a arqueologia protohistórica e histórica, a numismática, a geofísica, a engenharia, a bibliografia, atraem poderosamente a sua admirável curiosidade científica, servida por excelentes dotes de observador, por um escrúpulo perfeito, por um notável desinterêsse e por uma erudição verdadeiramente excepcional na sua idade.

Colaborador activo dos trabalhos e das sessões da nossa Sociedade, Rui de Serpa Pinto deu também o seu concurso valioso a muitas outras organizações científicas. Era titular da Associação dos Arqueólogos Portugueses, membro da direcção do núcleo portuense da Sociedade Portuguesa de Meteorologia e Geofísica, sócio do Seminário de Estudos Galegos, do Instituto Internacional de Antropologia, da Sociedade Prehistórica Francesa, da Sociedade dos Antiquários de Londres, etc. Foi um dos fundadores e secretário do grupo dos Amigos do Museu Municipal do Pôrto e também um dos fundadores do Centro Académico de Estudos Coloniais. Tomou parte no Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica em Coimbra e Pôrto, no Congresso de Lisboa para o Avanço das Ciências, no Congresso Internacional de Arqueologia de Barcelona, no I Congresso Internacional de Ciências Prehistóricas e Protohistóricas em Londres, e na reunião de Roma, em 1932, da Comissão Internacional da Carta do Império Romano.

Tôda essa actividade não o impediu de ser um dos fundadores e directores do Colégio Brotero na Foz do Donro e um dos sócios do escritório dos «Engenheiros Reunidos», no Pôrto, dando a uma e outra iniciativas uma colaboração constante e valiosa.

A sua bibliografia, repartida apenas pelo período de 1928 a 1933, é uma afirmação do mais prodigioso esforço investigador:

1. *O Asturiense em Portugal*—«Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», Pôrto, 1928.
2. *Nótulas asturienses*—I—«Id.», Pôrto, 1928.
3. *Petroglifos de Sabroso e a Arte rupestre em Portugal*—Publ. do Seminário de Estudos Galegos—A Cruña, 1928.
4. *Museu de Martins Sarmiento*—I—*Machados de pedra polida*; II—*Machados de bronze*; III—*Terra sigillata*. «Revista de Guimarães», Guimarães, 1929.

5. *Bibliografia do Professor Mendes Corrêa (1909-1928)*—Publ. do Inst. de Antropol. do Pôrto, Pôrto, 1929.
6. *Nótulas asturienses*—II—«Trabalhos da S. P. A. E.», Pôrto, 1930.
7. *Museu de Martins Sarmiento*—IV—*Bipene votiva de Sabroso*. V. *Centipodium de Belmonte*. VI. *Lucernas*—«Rev. de Guimarães», Guimarães, 1930.
8. *Nótulas ceramográfias*—I—*Um vaso pintado de Lamego*—«O Arqueólogo Português», vol. XXVII, Lisboa, 1930.
9. *Bibliografia do Asturiense*—Publ. do Inst. de Antrop. do Pôrto, Pôrto, 1930.
10. *Observations sur l'Asturiense du Portugal*—Commun. ao V Congr. Intern. de Arqueologia.—Argel, 1930.
11. *Sur le mliolithique en Portugal*—Commun. ao Congr. da Assoc. Franc. para o Avanço das Ciências em Nancy—Paris, 1931.
12. *Nótulas asturienses*—III—«Trabalhos da S. P. A. E.», Pôrto, 1931.
13. *As fibulas do Museu Regional de Bragança*—Id., Pôrto, 1931.
14. *Nota sobre as cartas de Portugal prehistórico*—C.-R. do XV Congr. Intern. d'Antrop. e Arqueol. Prehist., em Coimbra e Pôrto.—Paris, 1931.
15. *Prehistória angolense*—«Trabalhos da S. P. A. E.», t. IV, Pôrto, 1931.
16. *Sur la taille du silex à Muge*—Com. ao Congr. Prehist. de França—Nîmes, 1931.
17. *Sobre «Elephas meridionalis» cfr. «antiquus» do Casal do Torquato (Alenquer)*—«Anais da Faculd. de Ciências do Pôrto», t. XVII, Pôrto, 1932.
18. *O abrigo prehistórico de Valdejunco (Esperança)*—«Trabalhos da S. P. A. E.», vol. V, Pôrto, 1932.
19. *Etnografia arqueológica*—I—*Antigas contas empregadas como amuletos*—Id., id., Pôrto, 1932.
20. *Cemitério bárbaro de Esmoriz*—Id., id., Pôrto, 1933.
21. *A Cividade de Terroso e os castros do norte de Portugal*—Commun. ao IV Congr. Intern. d'Arqueol. de 1929 em Barcelona.—«Rev. de Guimarães»—Famalicão, 1922.
22. *Notas para um plano de estudos geológicos entre Minho e Lima*—«Anuário de Viana do Castelo», Viana, 1932.
23. *Resenha dos meteoritos caídos em Portugal*—«A Terra», n.º 3, Coimbra, 1932.
24. *Notas sobre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira (Muge)*—Congr. da «Assoc. Españ. para el Progr. de las Ciências» em Lisboa—Madrid, 1932.

25. *Daniel Sharpe e a Geologia Portuguesa* — «Anais da Faculd. de Ciências do Pôrto», t. XVII, Pôrto, 1932.

26. *As tectites e o problema da sua origem* — «A Terra», n.º 7, Coimbra, 1932.

Além destes trabalhos, Rui de Serpa Pinto deixou ainda inéditas as suas comunicações ao Congresso de Londres (*Bronze Age Mining and Metallurgy in Portugal*) e ao Congresso de Paris (*La Préhistoire de l'Afrique Portugaise*). Também publicou vários artigos sobre antiguidades locais, no «Tripeiro», devendo destacar-se uma excelente síntese da *Prehistória portugalense*.

O funeral de Rui de Serpa Pinto foi uma grandiosa manifestação de pesar a que se associaram a Universidade, corporações cidadinas, delegados dalgumas colectividades científicas do país, etc. No cemitério, junto do jazigo, usaram da palavra, em comovidas alocuções, o sr. prof. Adriano Rodrigues, Reitor da Universidade do Pôrto, o director da Faculdade de Ciências e presidente da Sociedade de Antropologia, o sr. tenente Afonso do Paço em nome da Associação dos Arqueólogos Portugueses, e o estudante sr. Canto Moniz, em nome dos estudantes da Faculdade de Ciências. Todos enalteceram os méritos do nosso querido e saudoso companheiro, a sua actividade, a sua inteligência, o seu saber, as suas nobres qualidades morais e afectivas.

Perpetuando o seu nome, o seu esforço investigador, e a sua acção notável, comquanto tão curta, como membro do corpo docente da Faculdade de Ciências, os seus amigos e companheiros de trabalho organizaram uma subscrição para se instituir naquela Faculdade um «Prémio Rui de Serpa Pinto», destinado ao aluno distinto de Antropologia ou de Ciências Geológicas que revele, em cada ano, melhores tendências para a investigação científica. Cortada tão abrupta e cruelmente a carreira científica do jovem investigador, a sua memória fornecerá ainda um estímulo aos novos para que lhe sigam o exemplo.

A Sociedade de Antropologia e a Faculdade de Ciências receberam do país e do estrangeiro numerosos telegramas, cartas e bilhetes de corporações e pessoas que lhes apresentaram, na triste emergência, o testemunho do seu pesar.

Em *El Pueblo Gallego*, o ilustre etnógrafo e prehistoriador Bouza Brey, escreveu sobre Serpa Pinto um enternecedor e belo artigo sob o título «Dor de Portugal». A revista de sismologia e geofísica *A Terra*, de Coimbra, inseriu um comovido necrológio do seu malogrado colaborador. Muitos jornais noticiosos se referiram também expressivamente ao jovem cientista e ao seu desaparecimento prematuro do mundo dos vivos.

O eugenista Renato Kehl, que convivera com Serpa Pinto no Pôrto, escreveu do Rio de Janeiro ao autor destas linhas dizendo que, tendo lido um lacónico telegrama de Lisboa em que se noticiava a morte do professor Serpa Pinto, não queria admitir que se tratasse do ilustre colaborador do Instituto de Antropologia e querido amigo comum. Mas, sob uma «dívida terrível», acrescentava: «Será que a morte nos rouba êsse precioso homem de ciência; do qual tanto esperávamos? Peço-lhe, pois, encarecidamente, uma notícia, fazendo votos para que se trate de outra pessoa e que já tenha vivido pelo menos 70 anos».

Infelizmente, de facto, a notícia referia-se a êsse jovem de 25 anos apenas. Grande perda foi para a nossa Sociedade, para o Instituto de Antropologia, para a Faculdade de que êle fazia parte. Mas o que perdeu a Ciência, dizem-no os testemunhos expressivos de tódta a parte recebidos. Cuevillas, o grande arqueólogo galego, escreveu a Santos Júnior que o desaparecimento de Serpa Pinto «representa uma perda inapreciável para a cultura e para a ciência.» Com a sua grande autoridade, o eminente prof. Hugo Obermaier, escreveu também a quem traça estas linhas, que a morte de Serpa Pinto foi «uma perda enorme para a ciência prehistórica». O sr. Conde Bégouen escreveu a seu turno: «Eu pude portanto apreciar directamente o encanto da sua conversação, o ardor do seu entusiasmo, a segurança do seu juízo, sem falar da sua erudição, que se manifestava nas suas publicações. Podíamos considerá-lo como um dos mestres futuros da Ciência. A sua morte é uma grande perda para esta e para os cientistas idosos que esperavam passar-lhe o facho, certos de que êle o não deixaria extinguir, antes, pelo contrário, reavivaria a chama!»

Que tão eloqüentes consagrações sirvam de consolação, se é possível, à desolada Senhora com quem poucos meses antes Serpa Pinto se consorciara, à Mãe extremosíssima que ascendeu a êste Calvário de dôr, à dedicada Irmã e restante Família, a todos enfim os que, como nós, deploram o desaparecimento prematuro e cruel dum dos espíritos mais gentis e mais nobres que temos conhecido.

Congresso dos Anatômicos

Durante as últimas férias da Páscoa, celebrou-se em Lisboa a XXVIII Reunião da *Association des Anatomistes*, juntamente com a I Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa, que acaba de organizar-se.

O Congresso decorreu brilhantemente, e nele tomaram parte muitos dos mais notáveis biólogos contemporâneos.

Foi presidido por Champy, professor de histologia da Faculdade de Medicina de Paris, e colaboraram na reunião, entre outros, Rouvière, de Paris; Lucien, de Nancy; Latarjet, de Lyon; Dubreuil, de Bordeus; Weber, de Genebra; Collin, de Nancy; Dustin e Girard, de Bruxelas; Grynfelt e Delmas, de Montpellier; Ciaccio, de Messina; Rio Hortega, de Madrid; Tuma, de Praga; Leboucq, de Gand; Turchini, de Montpellier; Terni, de Pádua; Beccari, de Florença; Oberling, de Paris; Duesberg, de Liège; Augier, Verne, Jolly e Fauré-Fremiet de Paris, Forster e Bellocq de Estrasburgo, etc.

Foi valiosa a contribuição portuguesa e dela destacaremos, pela sua excepcional importância, as comunicações do Prof. Egas Moniz acerca da arteriografia cerebral e do Prof. Lopo de Carvalho sobre irrigação pulmonar.

Os congressistas foram recebidos solenemente pelo Ministro da Instrução, pelos Reitores das Universidades, pelas Câmaras Municipais de Lisboa e Pôrto, etc.

A Comissão que se ocupou da recepção dos congressistas, à frente da qual se encontrava o prof. Celestino da Costa, não se poupou a esforços para que os nossos hóspedes levassem, a par de impressões agradáveis do nosso País, conhecimentos seguros sobre a história e a arte de Portugal, as suas paisagens e os seus monumentos.

Foi-lhes oferecido um concerto de música portuguesa, visitaram os Jerónimos, o paço de Cintra, a Penha e Monserrate, o Estoril, e, num passeio de barco, puderam admirar as margens belíssimas do Tejo.

Foram igualmente recebidos no Museu de Arte antiga e no Aquário de Vasco da Gama.

No fim do Congresso, numa ampla digressão pelo centro e norte do País, visitaram Alcobaça, Batalha e Leiria, passaram por Coimbra, e foram pernoitar à mata do Buçaco.

No dia seguinte, em direcção ao Pôrto, passaram pela Curia, e por Gaia, onde visitaram as famosas adegas de vinho do Pôrto.

Viram depois esta cidade e a Foz, detendo-se por algum tempo no Instituto de Anatomia.

A mesa do Congresso era constituída do seguinte modo:

ASSOCIATION DES ANATOMISTES

Presidente — Champy.

Vice-presidentes — Athias, Rio Hortega e Vallois.

Secretário perpétuo honorário — Nicolas.

Secretário geral — Collin.

Secretários — Lucien, Debeyre, Augier.

Tesoureiro — Verne.

SOCIEDADE ANATÓMICA PORTUGUESA

Presidente — Vilhena.

Vice-presidentes — J. A. Pires de Lima e Geraldino Brites.

Secretário geral — Celestino da Costa.

Secretários adjuntos — Vítor Fontes e Xavier Morato.

Tesoureiro — Athias.

Este Congresso, assim como o Congresso Internacional de Antropologia, que há três anos reuniu em Coimbra e Pôrto, representou uma excelente prova da vitalidade da ciência morfológica portuguesa.

PIRES DE LIMA.

Escavações arqueológicas

O «Diário do Governo», n.º 91, da 1.ª série, de 18 de Abril de 1932, publicou, pela Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, um decreto, com o n.º 21.117, que regulamenta a classificação e inventário de imóveis e móveis de importância arqueológica e histórica, as escavações e arrolamento das antiguidades nacionais e a guarda e vigilância dos monumentos.

Sobre algumas disposições deste diploma foi entregue ao Snr. Ministro da Instrução a representação seguinte, que foi publicada na imprensa periódica:

« Os sinatários, que representam a quasi totalidade dos investigadores portugueses que se ocupam de escavações arqueológicas »

veem perante V. Ex.^a exprimir o mais vivo desgosto pelo facto de no Decreto n.º 21.117 serem consignadas disposições que, se fossem mantidas, prejudicariam gravemente o desenvolvimento dos estudos arqueológicos em Portugal.

Poucos são infelizmente entre nós os que se consagram a esta ordem de estudos. O Decreto n.º 21.117, convertendo a Arqueologia Nacional em domínio do Director do Museu Etnológico do dr. Leite de Vasconcelos, ainda mais reduziria êsse número, porque ofende lamentavelmente os actuais investigadores que não pertencem ao dito Museu, desgostando-os e restringindo-lhes sem qualquer razão científica a sua actividade, e, por outro lado, nega o estímulo a novas iniciativas pois tôdas ficam inexplicavelmente dependentes do beneplácito do director do museu mencionado.

Não é o dito director a única entidade da sua categoria oficial que no país se ocupa, por dever do cargo, dêstes assuntos, e não pode êle abranger, praticamente, com conhecimento directo da causa, tôda a extensão do territorio nacional e todos os sectores da complexa ciência arqueológica.

O exclusivo da fiscalisação e a centralisação das investigações nas suas mãos, bem como o olvido completo nas disposições proteccionistas do § único do art. 11.º das escavações promovidas por outras entidades, de idoneidade notória, representam um monopólio científico pessoal que viria aniquilar de facto todos os esforços estranhos, se porventura o decreto viesse a ser cumprido nos termos em que foi redigido.

Se, pelo contrário, os poderes conferidos ao aludido funcionário e ao Museu da sua direcção fossem antes outorgados a um Conselho ou Junta em que, além daquele Museu, tivessem representação os núcleos de investigação existentes no país e de reputação científica estabelecida, não só os de carácter oficial como os constituídos por sociedades ou corporações privadas, a eficácia do decreto seria evidente e ao personalismo que êle favorece, substituir-se-iam uma ampla solidariedade e uma útil suplência de esforços.

Já em tempos o grupo glorioso da «Portugália» a que pertenceram individualidades como Ricardo Severo, José Fortes, Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso, manifestou com êxito o seu fundado desacôrdo para com propósitos de centralisação análogos aos sancionados no decreto n.º 21.117.

Como pode o Museu Etnológico fiscalisar e centralisar, por exemplo, investigações de Serviço Geológico e de Institutos universitários cuja autonomia científica nunca foi posta em discussão?

O Serviço Geológico de Portugal possui a mais brilhante tradição de escavações que tem havido no nosso país. Carlos

Ribeiro, Nery Delgado, Pereira da Costa não fizeram «bric-à-brac» ou esgravatadelas de acaso, mas escavações metódicas que honram os seus nomes e Portugal e atraíram as atenções mais vivas dos especialistas estrangeiros. A actividade do Serviço Geológico diminuiu relativamente à paleo-antropologia mas é de esperar e desejar que se renove, e, de resto, o material coligido tem sido ali objecto permanente de estudo. Poderá ao director do Museu Etnológico, professor duma Faculdade de Letras (a de Lisboa), ser atribuído a papel de fiscalisar ou regular essa actividade em domínios de ciência, como a estratigrafia, a paleontologia e a antropologia, que estão fora do respectivo campo de estudos? O mesmo se passa em relação aos Institutos Universitários de Geologia e Antropologia. A estratigrafia e a paleontologia do quaternário, a paleo-antropologia, são assuntos em que se não pode exigir competência a um professor de ciências históricas duma Faculdade de Letras. É erróneo supôr que a Prehistória e a História dispõem de métodos idênticos.

Mas acresce ainda que em nenhum outro ramo dos estudos universitários, se estabeleceu até hoje, entre os respectivos institutos, a dependência que se visa criar para com o Museu Etnológico o qual é anexo à Faculdade de Letras de Lisboa (pág. 42 do Orçamento de despesa do Ministério da Instrução para 1931-1932). Entre os estabelecimentos cuja actividade se pretende coordenar no dito Museu, há alguns que tem recebido da Junta de Educação Nacional subsídios expressamente consignados a escavações ou que, nos termos da legislação universitária, foram elevados à categoria de «Institutos de Investigação Científica». A condição essencial para esta elevação é, nos termos do decreto n.º 19.026, que se verifique terem os professores catedráticos seus directores um mínimo de tempo de serviço e serem «autores de valiosa obra científica demonstrada por trabalhos publicados dentro dos dez anos que precederam a proposta». Esta necessita ainda de reunir 2/3 dos votos do Conselho Escolar respectivo para ser aprovada pelo Governo. Ora, não sendo o professor que dirige o Museu Etnológico também Director dum Instituto de Investigação Universitária nos termos do decreto n.º 19.026, como pode êle sobrepor-se a institutos que estão nas condições dêsse decreto ou a qualquer outra entidade expressamente incumbida de escavações?

Foi inteiramente esquecido que sob a direcção de professores das Universidades de Coimbra e Porto se tem realizado nos ultimos anos, além de outras, em Condeixa e Muge (respectivamente), escavações sistemáticas que mereceram o elogio dos especialistas estrangeiros que as visitaram durante o Congresso Internacional

de Antropologia e Arqueologia Prehistórica de 1930. Diapositivos destas escavações foram solicitados, como exemplos de método, pelo Conde du Mesnil de Buisson, eminente director da Missão Arqueológica Francesa na Síria, para ilustrarem as lições do curso de escavações por êle dirigido na Escola de Louvre, em Paris.

Sr. Ministro: Os sinatários, avessos a qualquer personalismo, são, entretanto, forçados a declarar que desconhecem as indicações que determinaram a entrega ao Director do Museu Etnológico duma função cujo exercício por uma só pessoa é inédito na legislação de países em que a Arqueologia está incomparavelmente mais adiantada do que entre nós, e mesmo em Portugal, em que para os vários serviços públicos existem juntas, conselhos e comissões, ao lado das direcções gerais e repartições respectivas.

Não basta ser director dum Museu Etnológico para exercer num ramo da ciência portuguesa um papel tutelar e centralizador que nunca individualidades da envergadura de Schliemann, Evans, Cartailhac, Dechelette, Boule, Schulten, Obermaier, Bosch Gimpera, Ramon Melida, Gomez Moreno, etc., se lembraram de assumir nos respectivos países.

Seria bem preferível, a nosso ver, uma coordenação salutar de esforços por uma comissão em que estivessem representados todos os que em Portugal teem autoridade científica e o dever de intervir no assunto. Essa comissão teria a seu turno delegados regionais como sucede noutros países. Não se trataria assim duma inexequível e indefensável centralisação na pessoa do director dum Museu. Mas o que sobretudo seria para desejar era que se subvencionassem largamente os serviços capazes de exumar do solo sagrado da Pátria os mais antigos documentos da vida humana neste recanto do mundo.

É na esperança de que serão ponderadas as circunstâncias anómalas criadas à Arqueologia Portuguesa e aos seus cultores pelo Decreto n.º 21.117 que os sinatários apresentam à consideração de V. Ex.^a esta exposição inspirada apenas na consciência dos seus deveres para com a Pátria e para com a ciência que desinteressadamente servem.

Saúde e Fraternidade. — Lisboa, 23 de Maio de 1932.

(aa) — *Antonio Augusto Mendes Corrêa*, presidente da S. P. A. E.; *José de Pinho*; *Pedro Vitorino*, director da «Portucale»; *Aarão de Lacerda*, vogal da Academia Nacional de Belas Artes; *Dr. Eusébio Tamagnini*, director do Instituto de Antropologia da Faculdade de Coimbra; *Vergílio Correia*, director do Museu Machado de Castro; *Aristides de Amorim Girão*, professor da Universidade de Coimbra;

Alberto Souto, director do Museu de Aveiro; *João Gualberto de Barros e Cunha*, professor auxiliar do Instituto de Antropologia de Coimbra; *Alfredo Ataíde*, assistente do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto; *Rui de Serpa Pinto*, assistente de Geologia da F. C. U. P., delegado da Société Préhistorique de France; *Joaquim Rodrigues dos Santos Junior*, assistente da F. C. U. P.; *Luis de Pina*, assistente da Fac. de Med. do Porto; *Ricardo Freitas Ribeiro*, da Sociedade Martins Sarmento; *Antonio Armando Temido*, assistente do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra; *Francisco de Almeida Moreira*, director do Museu Grão Vasco; *Eugénio Jalhay*, vice-presidente da Secção de Arqueologia Prehistórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses; *Joaquim Fontes*, presidente da Secção de Arqueologia Prehistórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses; *Félix Alves Pereira*, antigo Conservador do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, da Associação dos Arqueólogos Portugueses; *Afonso do Paço*, 1.º secretário da Associação dos Arqueólogos Portugueses; *Artur Rodrigues Cohen*, engenheiro-chefe dos Serviços Geológicos; *Mário Cardoso*, presidente da Sociedade Martins Sarmento e director do Museu Arqueológico da mesma Sociedade.»

Uma nota infeliz enviada à imprensa da capital pelo Museu Etnológico, veiu aludir ao propósito que a direcção do dito Museu teria de ir efectuar escavações em Muge, no objectivo de «preencher uma lacuna das colecções» daquele estabelecimento e pela «conveniência científica em ali serem feitas escavações por investigadores sem ideias preconcebidas e sem teses a defender». Além disso nessa nota anunciava-se que ia ser entregue a um antropólogo estrangeiro determinado material craniológico obtido por aquele Museu. Imediatamente o director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, sinatário da representação supra e que está realizando escavações em Muge, veio à imprensa protestar contra a atitude do director do Museu Etnológico. Esse protesto teve a solidariedade de muitos investigadores, secundando-o, por exemplo, o Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra nos termos seguintes, que alguns jornais de Lisboa e Porto reproduziram:

«INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Universidade de Coimbra. — Ex.^{mo} Snr. Dr. Mendes Corrêa. — Tendo lido a carta de V. Ex.^a publicada em «A Voz» de hontem vimos significar-lhe a nossa plena concordância com os princípios por V. Ex.^a expostos na mesma.

É mais do que inadmissível, porque é deprimente, que se

proponha convidar «um antropólogo estrangeiro para estudar material português, enquanto se não provar que não existem antropólogos portugueses que possam e queiram realizar tal estudo.

As escavações arqueológicas em todos os países civilizados são permitidas a quem as queira realizar, com a restrição única de se exigir provada competência científica para isso. Mas a mais elementar cortezia e os preceitos de camaradagem científica proíbem a intervenção de um investigador no campo que esteja já a ser explorado por outro: os abaixo assinados tinham pensado em levar a efeito uma exploração antropológica nos «Kjökkenmöddings» de Muge, chegando a estar para isso autorizados pelo proprietário dos terrenos, e desistiram desse intuito logo que souberam que V. Ex.^a já estava a executar essa investigação, para não transtornar a orientação dos seus planos. Isto lhes dá autoridade moral para protestar contra a intempestiva intervenção em tal assunto do dr. Heleno ou de qualquer outra entidade.

Aceite V. Ex.^a pois os nossos protestos de consideração e leal camaradagem, podendo fazer desta carta o uso que entender. Coimbra, 25 de Janeiro de 1933.

aa) — *Dr. Euzebio Tamagnini, J. G. de Barros e Cunha e Antonio Armando Themido.*»

Inseriram alguns jornais de Lisboa cartas, firmadas pelo sr. director do Museu Etnológico, em pretensa réplica aos protestos do presidente da nossa Sociedade, publicados nos mesmos jornais.

Limitar-nos-emos a transcrever trechos duma carta que o ilustre director de *L'Anthropologie* e professor da Faculdade de Medicina de Toulouse, prof. H. Vallois, dirigiu ao prof. Mendes Corrêa, cujas investigações sobre Muge o sr. dr. Heleno pretendia amesquinhar, escudando-se com supostas críticas que a essas investigações teriam sido feitas pelo eminente antropologista francês:

«*Toulouse*, le 1 — 2 — 33.

Mon cher Collègue et ami,

.....
Je suis tout à fait de votre avis en ce qui concerne les fouilles que vous avez entreprises à Muge et auxquelles j'ai eu le plaisir d'assister, lors de ma visite à ce célèbre gisement en 1930. Les autres membres du Congrès d'Archéologie et moi-même avons suivi avec beaucoup d'intérêt vos explications et, tous, nous avons

remarqué le soin et la méthode avec lesquels vous et vos élèves aviez organisé l'exploitation du Kjökkenmödding à l'étude. J'espère qu'il vous sera possible de continuer ces fouilles et de mettre à jour de nouveaux documents.

En ce qui concerne les crânes de ce gisement, il est certain que mon opinion sur la signification de certains d'entre eux diffère quelque peu de la votre. Mais, naturellement, il ne s'agit que d'une différence d'interprétation et les faits sur lesquels nous basons nos deux thèses sont, pour vous et moi, identiques. N'est-ce pas ce qui importe en science, que deux observateurs étudiant le même matériel, indépendamment l'un de l'autre, arrivent aux mêmes constatations quant aux faits (les théories passent, les faits restent...!).

C'est en tous cas une des raisons pour lesquelles je serais particulièrement désireux que vos fouilles vous fassent découvrir d'autres squelettes. L'étude du nouveau matériel, recueilli dans des conditions stratigraphiques satisfaisantes, et que vous sauriez reconstituer si besoin était (quel dommage que les splendides documents qui sont au Musée géologique de Lisbonne ne soient pas, une bonne fois, soumis à un anthropologiste qui les reconstituerait exactement; votre laboratoire serait tout indiqué pour cela!), pourrait nous départager.

Veillez présenter.....

(a) — *H. V. Vallois.*

Naturellement, vous pouvez user de ma lettre comme bon vous semblera.»

Cientificamente, está o caso liquidado, nos termos elevados e imparciais em que nesta carta é pôsto.

Esperemos agora que oficialmente se liquide também porfim, como de justiça, a situação creada à Arqueologia portuguesa e seus cultores pelas disposições legais que motivaram a representação acima transcrita.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia resolveu por unanimidade, em sessão científica, apoiar a aludida representação. A Associação dos Arqueólogos Portugueses resolveu também representar ao Governo no mesmo sentido, o que fez oportunamente.

Sur le métopisme, son origine et sa signification

Dans le fascicule 1.^{er} (Squelette céphalique) de la 4.^{ème} édition du *Traité d'Anatomie Humaine*, de Poirier & Charpy (Paris, 1931, p. 363), M. Augier écrit au sujet du métopisme, après quelques considérations sur les cas dus à une insuffisance d'ossification par trouble osseux, infantilisme, etc. :

« Il y a sans doute des cas moins graves, moins nets, et qu'il est plus difficile à séparer des cas décrits par Welcker [cas d'hyperdéveloppement frontal]; ce sont peut-être ceux que Mendes Corrêa a examinés et considérés comme des arrêts de développement parce qu'ils s'accompagnaient de forme pentagonale du crâne, mais qu'il a eu tort de généraliser ».

En lisant ce passage du travail du savant anatomiste, j'ai eu le regret de constater que les conclusions de mon examen de quelques métopiques portugais, que j'avais publiées en 1919 (1), n'y étaient pas traduites d'une façon exacte, puisque je n'avais pas basé la diagnose de l'arrêt de développement sur le seul fait de la forme pentagonoïde du crâne et que je n'avais pas non plus généralisé à tous les cas de métopisme ce processus étiologique.

En effet, la majorité des crânes métopiques que j'ai isolés dans une collection de 163 crânes portugais, présentait des caractères (petitesse générale, petit développement frontal, contour pentagonoïdal, prédominance d'une platycéphalie en désaccord avec la tendance hypsicéphale de la population; même, quelques-uns, de la scaphocéphalie, *torus palatinus*, etc.) qui m'ont semblé témoigner plus ou moins nettement d'une insuffisance ostéogénique frontale par arrêt de développement. Mais je n'ai pas généralisé cette constatation, d'autant plus que je présentais aussi des spécimens du métopisme dit *supérieur* (d'après Aurélio da Costa Ferreira (2) qui n'est pas cité par l'auteur français), du métopisme par hyperdéveloppement frontal, établi par Welcker.

Ce n'est pas ma faute si la série examinée par moi a fourni une majorité de cas du métopisme *inférieur*. Je n'ai pas pourtant écrit que ce serait le règle pour le métopisme en général. *Je n'ai parlé que des crânes étudiés par moi*, et j'ai insisté sur la *pluralité* des causes du métopisme (pp. 2 et 6 du tiré-à-part).

(1) A. A. Mendes Corrêa — *O metopismo e a evolução das formas craneanas* — «Portugal Médico», 2.^a série, vol. V, Porto, 1919.

(2) A. Aurélio da Costa Ferreira — *Note sur deux crânes métopiques de la collection Ferraz de Macedo* — «Bull. de la Soc. Portug. des Sc. Naturelles», Lisbonne, 1915.

Mon distingué collègue, le Prof. Amândio Tavares (1), sur une série de crânes plus nombreuse que la mienne, arrivait en 1927 à la conclusion, contraire à celle de ma série, que les cas de métopisme par hyperdéveloppement frontal étaient plus fréquents que ceux d'hypodéveloppement, et que l'on pouvait signaler sur l'ensemble des métopiques une certaine tendance à l'élargissement crânien que je n'avais pas pu observer sur la plupart de mes exemplaires. Mais la réduction de la partie frontale de la courbe antéro-postérieure, la tendance platycéphale et la diminution de la capacité crânienne par rapport aux moyennes des non-métopiques, sont des faits constatés, à la fois, sur les deux séries métopiques, sur celle de Tavares et la mienne. L'abaissement de la voûte ne serait-il pas une compensation de l'élargissement frontal trouvé par le Prof. Tavares ?

Faudra-t-il accepter l'hypothèse de Bloch d'après laquelle le métopisme serait un signe évolutif de la transition de la dolicho-céphalie vers la brachycéphalie? Mon collègue de Porto ne partage pas encore cet avis, et je me rallie à sa prudence, d'autant plus appréciable que ses résultats ne s'opposent pas à l'hypothèse de Bloch d'une façon si nette que les miens.

Je crois qu'il faut peut-être attribuer le passage de M. Augier qui m'a suggéré ces observations, à une connaissance *indirecte* de mon article par l'éminent anatomiste. Néanmoins l'analyse de ce travail par M. Verneau en «L'Anthropologie» (t. XXX, Paris, 1920, p. 174) parle non seulement de la forme pentagonoïdale des crânes, mais aussi de la platycéphalie. Cependant la même analyse rapporte, comme conclusion, que le métopisme «semble être le résultat, dans la majorité des cas, d'un arrêt précoce de développement».

C'est peut-être la lecture de ces mots qui a porté M. Augier à supposer que j'avais étendu au métopisme en général les constatations faites seulement sur ma série. Or je n'ai rien généralisé: je n'ai parlé d'une prédominance du *métopisme inférieur* que dans cette série. Je n'ai donc eu aucun tort, puisque c'était la vérité.

MENDES CORRÊA.

(1) Amândio Tavares — *Sur le métopisme* — «C. R. des séances de la Société de Biologie», t. xcvi, 1927, p. 876; id. — *Sobre o metopismo* — «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. xi, Lisboa, 1927. Ces travaux de M. Tavares ne sont pas cités par M. Augier qui l'aurait sans doute fait s'il en avait eu connaissance. Ces travaux sont, en effet, importants.

Um precursor português da Eugenia

Numa conferência na Universidade do Pôrto sôbre antigos professores da respectiva Faculdade de Medicina o sr. prof. Hernani Monteiro fêz uma referência que nos levou a solicitar sôbre o assunto a nota mais desenvolvida que segue:

Aqui venho satisfazer o seu desejo, enviando-lhe alguns informes àcerca das *ideas eugénicas* expressas pelo velho lente da antiga Escola Médica, Câmara Sinval, há bons 90 anos!... *Nihil sub sole novum*...

A frase que despertou a sua curiosidade, e que eu citei na conferência de ontem, foi tirada de uma oração académica recitada por Sinval na abertura da Cadeira de Partos no ano lectivo de 1837-1838.

Dizia então o distinto parteiro: «Nubil virgem, que te propões a ser mãe, sabes se irás dar origem a uma casta valetudinaria; ou se, por uma anomalia de construção no aparelho gerador, vais comprar as delicias do hymineu, a preço da vida?... — Consulta a Obstetrica. — Oxalá, Senhores, que o governo se decida um dia, (e bem breve seja) a interferir, pelo lado physico organico, em a união dos esposos.»

Esta oração vem publicada no n.º 188 da «Gazeta Medica do Pôrto» de 1849.

Mas no n.º 158 da mesma Revista, poderá ler uma explanação ou desenvolvimento daquele passo que deixo acima transcrito.

Trata-se de uma carta que Sinval dirige a um amigo (real ou imaginário) em resposta ao pedido dêste que desejava ouvir os conselhos do professor sôbre o casamento da irmã.

Câmara Sinval não se faz rogado e vai dando sentenças.

E começa:

«A primeira condição physica, que em obzequio do individuo e da sociedade prescreve a hygiene aos que se propõe tomar estado, he que, antes das pessoas casem as idades.» Porque se casasse velha com moço ou moça com velho, «ou se adoecerá por fadiga d'orgãos, que pediam descanso, ou por inercia dos mesmos, que requeriam actividade; em ambos perde a republica numero de membros, que um casamento mais consentaneo em idades lhe produziria.»

E aconselhava ao legislador que não consentisse o casamento das raparigas, entre nós, antes dos 20, «ou ao menos 18 annos», porque de uniões prematuras «não tem o Estado a esperar se não huma grei debil e franzina, e os progenitores huma prole,

que mal poderá pagar-lhes na senil infancia delles os disvelos recebidos na infancia pueril da mesma.»

Segue-se novo conselho:

«Outra condição que deve assistir aos contrahentes he a regular conformação do aparelho gerador e especialmente na mulher, a da bacia.» E, por isso, insensata seria a mulher que se propuzesse casar «sem a previa certeza de que tem bacia para parir.» E acrescenta: «A tal está louca; e de mania que attenta á propria e alheia existencia, e portanto devem atar-se-lhe as mãos; isto he, ser impedida de casar.»

E como o casamento é um «pacto, que por sua natureza se não propõe, nem pode propor, a ruina; porem a melhor conservação dos contratantes», era preciso que o legislador, ou, na falta dêste, os pais de família providenciassem no sentido de não se permitir o casamento de criaturas que padecessem de certas doenças, como tísica pulmonar, cancro do útero, e ainda aneurismas do coração e grossos vasos que fulminam, «na epilepsia da copula, ou no forcejamento do parto, as suas victimas.»

Tais individuos poderiam ter a liberdade de se unirem pelo matrimónio? Sinval entende que não: «Será esta uma franquia muito liberal, muito politica, mas a hygiene, oraclo da legislação em taes materias, desaprova-a redondamente.»

Também devia proibir-se o casamento de pessoas que sofressem de certas moléstias crónicas, como o venéreo, várias afecções da pele, epilepsia, melancolia, etc. E pergunta: «Deverá consentir-se a cohabitação tão frequente e intima, qual he a marital com individuos que em si trazem para o casal destas doenças? Que o decidão as familias amorosas dos seus. Entre alguns povos atava-se hum vivo a hum morto para que a corrupção deste contaminasse aquelle, mas era por supplicio, imposto a grandes crimes.»

Outros individuos havia que não deviam casar: os que sofressem de doenças que se transmitem por herança. E comenta, a propósito: «Saiba o legislador; e resolva depois se alguém tem direito de chamar á vida hum ente para lha envenenar no germe: e entretanto saibão-o as familias, e proteção-se.»

Esta carta de Câmara Sinval tem no final a indicação: *Continua*. Todavia, não encontrei o seguimento nos outros números da Revista.

Anteriormente, nos n.ºs 152 e 153 da «Gazeta Médica», de 30 de Abril e 15 de Maio de 1848, Sinval publicara um artigo, também em forma de epistola, dirigida a um amigo, dando-lhe variados conselhos àcerca da escolha de ama para uma criança, cuja mãe não podia amamentar. Assunto importante, porque, segundo a experiência do illustre parteiro, adquirida na sua en-

fermaria, destinavam-se a amas grande número de mulheres absolutamente impróprias para tal mister. Daqui resultavam grandes danos para os inocentes. Na eleição de ama, jogava-se — escrevia — «nada mais, nem nada menos, que a saúde da criança, e consequentemente a sua felicidade, se não tem a de morrer em tão bella idade; por quanto um ente enfermisso é, na minha opinião, o maior dos desgraçados.» Há doenças que se pegam, se transmitem. Era, portanto, necessário que os pais «não propinam a seus filhos no leite das amas a que os confiam, mortifero veneno.» E o Estado devia fiscalizar a boa escolha das amas: «Pois ha-de o Poder collocar nos matadouros um facultativo (ao menos na nossa patria Lisboa assim é; aqui não sei) para que inspecione a salubridade das rezes que hão de servir de alimento á parte já crescida da povoação, e não ha-de decretar que se inspecione o alimento destinado á parte da mesma, que ainda está nos primordios da infancia; e por isso tanto mais carecedora, quanto menos resistente ás funestas impressões de um nutrimento mal sadio?!»

Desejava, pois, que o Conselho de Saúde Pública espalhasse instruções a tal respeito, que os Bispos e Párocos dirigissem exortações aos pais de familia, e que nas Câmaras se abrissem registos para inscrição das que se propuzessem a amas, e depois «inspecionem-nas os facultativos delegados do mesmo conselho, e apuradas as idoneas, convidem-se os chefes de familia a escolher d'entre estas as que por particulares circumstancias mais lhes convenham.»

Aqui tem o que pensava e escrevia Câmara Sinval.

Mas, afinal, era isto o que o meu caro Mendes Corrêa pretendia que eu lhe dissesse?

Afectuosos cumprimentos, etc.

Pôrto, 13 de Maio de 1933.

HERNANI MONTEIRO.

Curso de Antropologia Médica

Por iniciativa da Associação Profissional dos Estudantes de Medicina, tem-se realizado, no corrente ano lectivo de 1932-1933, na Faculdade de Medicina do Pôrto, um curso de Antropologia aplicada à Medicina. Nêsse curso, o sr. prof. Mendes Corrêa tem-se occupado dos Primatas em geral, das bases da classificação

das raças humanas, dos tipos humanos prehistóricos e actuais, da hereditariedade e constituições, da paleopatologia e patologia étnica. O sr. dr. Luís de Pina expõe os métodos antropométricos, especialmente no objectivo da determinação da robustez e dos tipos constitucionais e da identificação. O sr. dr. Alfredo Ataíde tem tratado da biometria e dos processos estatísticos.

No curso inscreveram-se cêrca de 100 médicos e estudantes de medicina.

Monumento ao prof. Silva Teles

Constituiu-se na Índia uma Comissão presidida pelo prof. Froilano de Melo e secretariada pelo prof. Germano Correia, a qual se propõe reunir, por subscrição pública, os fundos necessários para erguer numa praça de Nova Gôa um monumento ao saudoso e ilustre professor Silva Teles, antigo ministro da Instrução.

Ninguém ignora o interêsse que a Silva Teles mereceram sempre os assuntos antropológicos. Ele fêz estudos antropométricos e consagrou-se com proficiência às questões de aclimação e colonização. É porisso de esperar que entre os antropólogos portugueses a iniciativa aludida mereça apoio.

Uma fôlha de subscrição se encontrará na séde desta Sociedade até 31 de Julho de 1933.

Prémio «Rui de Serpa Pinto»

Segue a lista dos subscritores para o prémio a que é feita referência no necrológio do nosso saudoso consócio Rui de Serpa Pinto:

| | |
|---|-----------|
| Engenheiros Reünidos, Ld. ^a | 2.000\$00 |
| M. M. | 100\$00 |
| D. Adelina Nogueira Pinto de Oliveira | 100\$00 |
| Condes de Leça | 100\$00 |
| Adelino Alves Veríssimo | 75\$00 |
| Prof. Dr. Antonio Augusto Estêves Mendes Corrêa | 50\$00 |
| Dr. Alfredo Mendonça da Costa Ataíde | 50\$00 |
| <i>A transportar</i> | 2.475\$00 |

| | |
|---|-----------|
| <i>Transporte</i> | 2.475\$00 |
| Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior | 50\$00 |
| Dr. Antonio Fernandes de Sá | 50\$00 |
| Prof. Dr. José de Castro Portugal | 50\$00 |
| Eng.º Domingos José Rosas da Silva | 50\$00 |
| Dr. Antonio Maria Estêves Mendes Corrêa | 50\$00 |
| Dr. Mário Estêves de Oliveira | 50\$00 |
| Alberto Serpa de Oliveira | 50\$00 |
| Antonio Serpa de Oliveira | 50\$00 |
| Alexandre Serpa de Oliveira | 50\$00 |
| Dr. Artur de Magalhães Basto | 50\$00 |
| João Teixeira Duarte | 50\$00 |
| Ricardo Spratley | 50\$00 |
| Cristiano Pinheiro Spratley | 50\$00 |
| Dr. Augusto de Carvalho e Almeida | 50\$00 |
| Antonio Ferreira Machado | 50\$00 |
| José Augusto da Costa Miguens | 50\$00 |
| José Acurcio Ferreira | 50\$00 |
| J. Gomes Pereira | 50\$00 |
| Eng.º Afonso N. Sobral Mendes | 50\$00 |
| Prof. Dr. Alvaro Rodrigues Machado e D. Fernanda P. Machado | 50\$00 |
| Juvêncio Salgado Zenha | 50\$00 |
| Prof. Dr. J. A. Pires de Lima | 50\$00 |
| Prof. Dr. Hernáni Monteiro | 50\$00 |
| Capitão Mário Cardoso | 50\$00 |
| Prof. Dr. José Pereira Salgado | 50\$00 |
| Antonio F. Domingues de Freitas | 50\$00 |
| João de Brito e Cunha | 50\$00 |
| Rev. Adriano Moreira Martins | 50\$00 |
| Prof. Dr. Aarão de Lacerda | 50\$00 |
| D. Berta de Lemos Peixoto | 50\$00 |
| Luís de Albuquerque Castelo Branco | 50\$00 |
| Prof. Dr. Alexandre Alberto de Sousa Pinto | 50\$00 |
| Dr. José Sarmiento | 50\$00 |
| Dr. Carlos Azevedo Coutinho Braga | 50\$00 |
| Dr. Antonio Mendonça Monteiro | 50\$00 |
| Dr. Rui Luís Gomes | 50\$00 |
| Eng.º Fernando Henrique Lima Lôbo | 50\$00 |
| Dr. Joaquim Moreira Fontes | 50\$00 |
| Rev. Eugénio Jalhay | 50\$00 |
| Tenente Afonso do Paço | 50\$00 |
| <i>A transportar</i> | 4.475\$00 |

| | |
|--|------------|
| <i>Transporte</i> | 4.475\$00 |
| Dr. Humberto de Almeida | 50\$00 |
| Julio dos Santos Silva Júnior | 50\$00 |
| Abel Ferreira Barbosa | 50\$00 |
| Antonio de Oliveira Rocha Leite | 50\$00 |
| Ernesto Leite Nogueira Pinto | 50\$00 |
| Dr. Manuel Forbes Costa | 50\$00 |
| Dr. José Maria Soares Vieira | 50\$00 |
| Anónimo | 50\$00 |
| Joaquim Teixeira Bastos Júnior | 50\$00 |
| Dr. Delfim Santos | 50\$00 |
| Dr. Fernão Couceiro da Costa | 50\$00 |
| Prof. Dr. Antonio Bomfim Barreiros | 50\$00 |
| Eng.º Augusto Nascimento Nunes da Fonseca Júnior | 50\$00 |
| D. Laura e Francisco Mota Coelho | 50\$00 |
| Antonio Bordalo Franco e Espôsa | 50\$00 |
| D. Adelaide Pinheiro | 50\$00 |
| A. Alão | 50\$00 |
| Alberto Vieira Braga | 40\$00 |
| D. Fermin Bouza-Brey | 40\$00 |
| D. Florentino Lopez Cuevillas (14 Pts.) | 39\$30 |
| Eng.º José Aires de Santa Clara Gomes | 30\$00 |
| Eng.º Oscar Saturnino da Cruz Monteiro | 30\$00 |
| Prof. Dr. Rodrigo de Sarmiento Beires | 20\$00 |
| H. Schreck | 20\$00 |
| José Ventura dos Santos Reis | 20\$00 |
| Eng.º José de Bastos Xavier | 15\$00 |
| José Formigal Lopes | 10\$00 |
| Arnaldo Rozeira | 5\$00 |
| Alfredo Cardim | 5\$00 |
| José Victorino da Costa | 2\$50 |
| Adolfo Basto Corrêa | 500\$00 |
| Eurico Basto Corrêa | 500\$00 |
| D. Cecilia Basto Mendes Corrêa | 500\$00 |
| D. Maria Alice de Serpa Pinto | 500\$00 |
| D. Maria Regina de Serpa Pinto | 1.000\$00 |
| D. Aurora de Serpa Pinto | 1.948\$20 |
| <i>Total—Esc.</i> | 10.550\$00 |

Desta soma, 500\$00 são destinados já ao pagamento do prémio a um aluno que seja digno dêle no presente ano lectivo. O restante será convertido em títulos públicos cujo juro se destinará anualmente ao prémio.